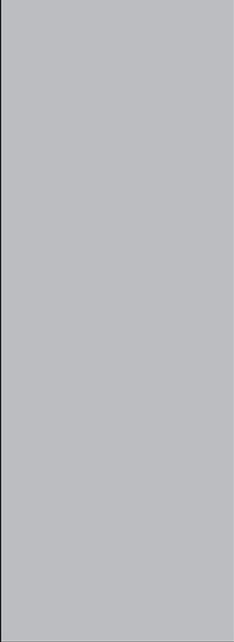


# A REVOLUÇÃO DOS BICHOS

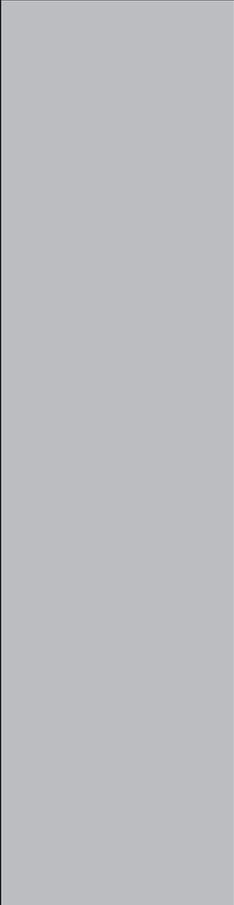


GEORGE  
ORWELL

*Veríssimo*



**A REVOLUÇÃO  
DOS BICHOS**



**George Orwell**

**A REVOLUÇÃO  
DOS BICHOS**

TRADUÇÃO  
**RAFAEL ARRAIS**

*Veríssimo*



# APRESENTAÇÃO

Certa noite, Major, porco ancião de doze anos, com ar sábio e benevolente, teve um sonho estranho, que desejou compartilhar com os outros animais da Fazenda do Solar. Em virtude do alto conceito desfrutado por ele, os animais não se negaram a perder uma hora de sono só para ouvir o Major. Sua mensagem foi clara: todos os males da existência dos animais tinham origem na tirania dos seres humanos, representados na fazenda pelo sr. Jones, seu proprietário. Bastaria que os animais se livrassem dos homens para que pudessem se tornar prósperos e livres. “Esta é a minha mensagem para vocês, meus camaradas: rebelião!”, bradou o Major.

Três noites depois, enquanto dormia, o velho Major morreu serenamente. Nos três meses seguintes, houve uma intensa atividade conspirativa na fazenda. A tarefa de instruir e organizar os bichos para a rebelião prevista pelo Major recaiu sobre os porcos, os mais inteligentes entre os animais. Entre eles, destacaram-se dois jovens varões: Napoleão e Bola de Neve.

De aparência ameaçadora, Napoleão era pouco falante, mas com a reputação de ser dotado de grande força de vontade. Bola de Neve era mais falante e imaginoso, mas menos sólido de caráter. Eles organizaram os ensinamentos do Major num sistema de pensamento que chamaram de Animalismo, cujos princípios resumiram em sete mandamentos:

1. O que quer que ande sobre duas pernas é um inimigo.
2. O que quer que ande sobre quatro pernas ou que tenha asas é um amigo.
3. Nenhum animal usará roupas.
4. Nenhum animal dormirá em cama.
5. Nenhum animal beberá álcool.
6. Nenhum animal matará outro animal.
7. Todos os animais são iguais.

A revolução triunfou e o sr. Jones foi expulso da fazenda, que passou a se chamar Fazenda dos Animais. A analogia com a Revolução Russa de 1917 é evidente. O visionário Major, o despótico e paranoico Napoleão e o ativo Bola de Neve seriam, respectivamente, Lenin, Stalin e Trotsky. A Fazenda do Solar e a Fazenda dos Animais seriam, respectivamente, a Rússia Czarista e a União Soviética. Mas assim como a Revolução Russa, a *Revolução dos Bichos*, depois de alguns anos, degenerou em um regime opressivo, violento e cruel. Uma ditadura não do proletariado, mas sim de alguns poucos privilegiados.

Em 1937, na Guerra Civil Espanhola, George Orwell, lutando como voluntário pela causa republicana em uma milícia de inspiração trotskista, toma conhecimento da brutalidade, dos expurgos e da opressão do regime de Stalin. Então, ele se converte em um antistalinista ferrenho e se convence de que a destruição do mito stalinista e da visão perigosamente romântica da Revolução Russa era essencial para um renascimento do movimento socialista.

Fruto dessa experiência, alguns anos depois, durante a Segunda Guerra Mundial, Orwell escreve *A revolução dos bichos*, que se torna um dos atos literários de destruição política mais devastadores do século XX. Moralista no sentido de alguém que não suporta deixar qualquer má conduta passar sem ser denunciada, ele tinha o defeito fatal de todo homem totalmente honesto: insistia na verdade mesmo quando era a verdade mais inconveniente.

Publicado em 1945, *A revolução dos bichos* ingressou rapidamente na imaginação política como uma parábola que revelava como os ideais sociais mais nobres se degradavam enquanto o poder totalitário continuava a falar em igualdade e fraternidade, resultando na corrupção da

verdade e do significado. O exemplo mais flagrante e lamentável dessa dinâmica é a transformação do sétimo mandamento do Animalismo de “Todos os animais são iguais” em “Todos os animais são iguais, mas alguns animais são mais iguais do que os outros”.

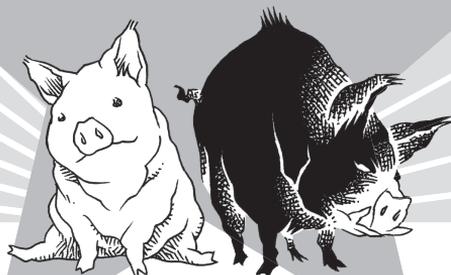
Em um ensaio de 1946, intitulado “Por que eu escrevo”, Orwell afirmou:

Cada linha de trabalho sério que escrevi desde 1936 foi escrita, direta ou indiretamente, contra o totalitarismo... A revolução dos bichos foi o primeiro livro que tentei, com plena consciência do que estava fazendo, fundir o propósito político e o propósito artístico em um todo.

Além de sátira política, *A revolução dos bichos* é um tratado da loucura humana, um brado de todos que anseiam pela utopia, um ensinamento alegórico e uma fábula na tradição esopiana. Enfim, uma pequena obra de arte, que é uma pregação apaixonada contra os perigos da inocência política e os totalitarismos de todos os tipos.

*O editor.*

# СПРІТЦЛО 1



**O** sr. Jones, da Fazenda do Solar, havia fechado o galinheiro para a noite, mas estava bêbado demais para lembrar de fechar as portinholas das galinhas. Com a luz da sua lanterna balançando de um lado para o outro, ele atravessou cambaleante o pátio, arrancou as botas ao atravessar a porta dos fundos, engoliu um último copo de cerveja do barril da copa e fez o caminho até a cama, onde a sra. Jones já roncava.

Assim que as luzes do quarto foram apagadas, houve um agito e um bater de asas em todos os galpões da fazenda. Ao longo do dia, correu o boato de que o velho Major (um porco que já havia sido premiado em exposições) teve um sonho estranho na noite anterior, e gostaria de falar sobre ele aos outros animais. Ficou combinado que todos deveriam se encontrar no grande celeiro assim que o sr. Jones se recolhesse. O velho Major (todos os animais o chamavam assim, apesar de haver concorrido nas exposições com o nome de “Belo de Willingdon”) era tão respeitado na fazenda que todos estavam dispostos a perder uma hora de sono para poder ouvir o que ele tinha a dizer.

No fundo do celeiro, sobre uma espécie de estrado de madeira, o Major já se encontrava deitado em sua cama de palha, sob a luz de um lampião pendurado numa das vigas. O Major já havia alcançado seus doze anos e estava um tanto corpulento, mas mesmo assim permanecia sendo um porco de porte majestoso, com um ar sábio e benevolente, embora suas presas

jamais tenham sido cortadas. Em pouco tempo, os animais começaram a chegar e confortavelmente se aconchegar, cada um ao seu modo.

Primeiro chegaram os três cachorros, Bluebell, Jessie e Pincher, e depois vieram os porcos, que se sentaram na palha em frente ao estrado. As galinhas se empoleiraram no peitoril das janelas, as pombas voaram para as vigas do telhado, as ovelhas e as vacas permaneceram atrás dos porcos ruminando. Os dois cavalos de tração, Cascudo e Margarida, chegaram juntos, andando bem vagorosamente e acomodaram no chão seus enormes cascos peludos (com todo cuidado, de modo a não pisar em nenhum pequeno animal que pudesse estar oculto dentre a palha). Margarida era uma égua corpulenta, uma matrona já próxima da meia-idade, cujas curvas jamais voltaram ao que eram após o nascimento do seu quarto potrinho. Cascudo, por sua vez, era um bicho enorme, com quase dois metros de altura, tão forte quanto dois cavalos comuns. Uma mancha branca que atravessava o seu focinho conferia um certo ar de estupidez e, de fato, ele não era lá tão esperto, no entanto era respeitado por todos pela sua retidão de caráter e sua tremenda disposição para o trabalho. Depois dos cavalos, vieram Muriel, a cabra branca, e Benjamim, o asno.

Benjamim era o animal mais velho da fazenda, e o mais ranzinza. Ele raramente se pronunciava, e quando falava, em geral era para dizer alguma coisa cínica. Por exemplo: ele dizia que Deus lhe deu uma cauda para que pudesse espantar as moscas, mas ele preferia que não houvesse nem cauda e nem moscas. De todos os demais animais da fazenda, ele era o único que nunca ria. Quando lhe perguntavam por quê, ele dizia que não via nenhum motivo para rir. Em todo caso, ainda que não admitisse abertamente, ele nutria certa afeição por Cascudo, com quem geralmente passava os domingos na pequena porteira além do pomar, pastando lado a lado sem jamais dizer uma palavra.

Os dois cavalos mal haviam se acomodado quando uma ninhada de patinhos órfãos entrou no celeiro, piando baixinho e se aventurando pelos cantos, buscando um local onde não corressem o risco de serem pisoteados. Finalmente Margarida ofereceu a proteção da sua pata dianteira, e os patinhos se aconchegaram em torno dela, logo caindo no sono. No último instante, Mollie, a bela e tola égua branca que puxava a charrete do sr. Jones, apareceu no recinto se locomovendo com toda

graciosidade, enquanto mastigava um torrão de açúcar. Ela pegou um lugar bem à frente e ficou saracoteando com sua crina branca, na esperança de chamar atenção para as fitas vermelhas que a enfeitavam. Após todos entrarem, veio a gata em busca como sempre de um local mais morno, que encontrou entre Cascudo e Margarida. Enfiou-se lá e ronronou satisfeita ao longo de todo o discurso do Major, sem ouvir uma só palavra de tudo que foi dito.

Agora todos os animais estavam presentes, exceto Moisés, o corvo domesticado, que dormia lá fora num poleiro atrás da porta dos fundos. Quando Major percebeu que todos já se encontravam bem acomodados e aguardando atentamente, limpou a garganta e iniciou:

— Camaradas, todos vocês já ouviram falar sobre o sonho estranho que eu tive na noite passada. Falarei, sim, mais tarde, contudo antes tenho outra coisa a dizer. Eu não acredito, camaradas, que estarei entre vocês por muito mais primaveras e, antes que eu morra, sinto ser minha obrigação passar a todos vocês a sabedoria que adquiri por todo esse tempo. Sim, eu tive uma longa vida e muito tempo para refletir enquanto permanecia solitário em meu chiqueiro. Hoje posso dizer que compreendo a natureza da vida nesta terra tão bem quanto qualquer outro animal vivo. É sobre isso que eu quero falar.

Então, camaradas, qual é a natureza da vida que levamos? Não vamos ignorar a realidade: nossa vida é miserável, curta e cheia de trabalho. Nós nascemos, recebemos o mínimo de alimento necessário para continuar respirando e aqueles que são capazes são forçados a trabalhar até o último resquício de suas forças. E assim, no instante em que nossa utilidade acaba, somos abatidos com monstruosa crueldade. Nenhum animal em toda a Inglaterra conhece o significado da felicidade e do lazer após completar um ano de vida. Nenhum animal na Inglaterra é livre. A vida de um animal é feita de miséria e de escravidão: essa é a dura verdade.

Mas tudo isso seria simplesmente parte da ordem da natureza? Nossa terra será tão pobre assim que não possa oferecer uma vida mais decente àqueles que a habitam? Não, camaradas, mil vezes não! O nosso clima é bom e o solo inglês é fértil, sendo perfeitamente capaz de dar comida em abundância a uma quantidade bem maior de animais do que o número atual. Só a nossa fazenda comportaria uma dúzia de cavalos,

umas vinte vacas, talvez centenas de ovelhas — e todos eles vivendo em um nível de conforto e dignidade que agora se encontra praticamente além da nossa imaginação. Por que nós continuamos nesta condição miserável de vida? Porque a quase totalidade do produto do nosso trabalho nos é roubada pelos seres humanos. Aí está, camaradas, a resposta para todos os nossos problemas. Ela pode ser resumida numa única palavra — Homem. O Homem é nosso único e verdadeiro inimigo. Retire o Homem da cena, e a raiz principal da fome e da sobrecarga de trabalho será cortada para sempre.

O Homem é a única criatura que consome sem produzir. Ele não dá leite, não põe ovos, é fraco demais para puxar o arado e não corre rápido o suficiente para apanhar uma lebre. Ainda assim, ele é o senhor de todos os animais. Ele nos coloca para trabalhar, paga o mínimo suficiente para que nós não passemos fome e fica com todo o resto. Nosso trabalho lavra o solo, nosso estrume o fertiliza e, no entanto, nenhum de nós possui mais do que a própria pele.

Ó vacas, vocês que vejo à minha frente, quantos milhares de litros de leite vocês devem ter produzido durante o último ano? E o que aconteceu com todo esse leite, que poderia muito bem estar alimentando bezerros robustos? Cada gota se perdeu pela goela dos nossos inimigos.

E vocês aí, galinhas, quantos ovos puseram o ano todo, quantos se tornaram novos pintinhos? Todo o restante foi direto para o mercado, para dar dinheiro a Jones e seus homens.

E quanto a você, Margarida, que diabos! Onde estão os seus quatro potrinhos, que deveriam ser o suporte e a alegria da sua velhice? Cada um deles foi vendido com um ano de idade, e você nunca os verá novamente. E o que você recebeu em troca dos seus quatro partos e por todo o seu trabalho no campo, além de um canto do estábulo e um tanto de ração?

Ora, e mesmo sendo tão miserável, nossa vida sequer tem a permissão de chegar ao fim de modo natural. Não reclamo da minha, pois fui um dos mais sortudos. Cheguei aos doze anos de idade e já fui pai de mais de quatrocentos porcos; essa é a vida de um porco reprodutor. Mas, no final das contas, nenhum animal escapa do cutelo. Vocês aí, jovens leitões sentados à minha frente, cada um de vocês soltarão guinchos pela vida no matadouro daqui a um ano. É para tal horror que todos nós nos encaminhamos — vacas, porcos, galinhas, ovelhas, todos!

Nem mesmo os cavalos e os cachorros escapam de tal destino. Você, Cascudo, no dia em que esses seus músculos grandiosos perderem o seu poder de tração, Jones o enviará ao carniceiro, que em seguida o degolará e cozinhará sua carne para alimentar os cães de caça. E quanto aos cachorros, quando enfim se tornarem velhos e desdentados, Jones vai amarrar uma pedra no pescoço de cada um, para em seguida atirar vocês no lago mais próximo.

Assim sendo, camaradas, não está claro e cristalino que todos os males da nossa existência nascem da tirania dos humanos? Basta, portanto, que nos livremos do Homem, para que todo o produto do nosso trabalho permaneça conosco. Nós poderíamos nos tornar ricos e livres praticamente da noite para o dia. Então o que devemos fazer? Trabalhar, trabalhar dia e noite, de corpo e alma, para a derrubada da raça humana!

Esta é a minha mensagem para vocês, meus camaradas: Rebelião! Eu não sei dizer quando se dará essa Rebelião, poderá vir dentro de uma semana ou daqui a um século, mas eu sei de uma coisa, com tanta certeza quanto a de estar vendo esta palha debaixo dos meus pés: mais cedo ou mais tarde, a justiça será feita. Mantenham isso em foco, camaradas, pelo pouco tempo que ainda nos resta viver! Mas, acima de tudo, transmitam a minha mensagem para aqueles que virão depois de vocês, para que nossas futuras gerações possam continuar na luta até que chegue a vitória.

E lembrem-se, camaradas: a determinação de vocês não deve fraquejar jamais. Nenhum argumento poderá desviar vocês dela. Quando tentarem convencer de que o Homem e os animais partilham dos mesmos interesses, dizendo que a prosperidade de um é a prosperidade de todos, simplesmente fechem os seus ouvidos: é tudo balela, tudo mentira! O Homem não serve a nenhum outro interesse além do seu próprio.

Que prospere, assim, entre nós animais uma perfeita unidade, uma perfeita camaradagem na luta. Todos os homens são inimigos. Todos os animais são camaradas.

Nesse momento houve um tremendo rebuliço. Enquanto o Major discursava, quatro ratazanas haviam rastejado para fora de seus buracos e estavam sentadas nas patas traseiras, escutando tudo o que era dito. Mas os cachorros perceberam sua presença, e somente por terem se enfiado

bem rápido de volta nos buracos, as ratazanas conseguiram escapar com vida. O Major levantou sua pata e pediu silêncio, dizendo em seguida:

— Camaradas, eis um ponto que precisa ser resolvido. As criaturas selvagens, como os ratos e os coelhos, serão nossas amigas ou nossas inimigas? Vamos colocar esse assunto em votação. Eu proponho à assembleia a seguinte questão: os ratos são nossos camaradas?

Os votos foram dados em seguida e, por uma maioria esmagadora, ficou acordado que os ratos eram camaradas. Houve apenas quatro dissidentes, os três cachorros e a gata (depois se descobriu, ela votou pelos dois lados). O Major prosseguiu:

— Não tenho muito mais a dizer. Apenas repito: lembrem-se sempre do seu dever de inimizade para com o Homem e com todas as suas manias. O que quer que ande sobre duas pernas é um inimigo. O que quer que ande sobre quatro pernas ou que tenha asas é um amigo. E, da mesma forma, lembrem-se de que em nossa luta contra o Homem nós não devemos nos comportar como ele. Mesmo depois de derrotado, não adotem os seus vícios. Nenhum animal deve jamais viver numa casa, nem dormir numa cama, nem usar roupas, nem beber álcool, nem fumar, nem tocar em dinheiro ou se envolver com o comércio. Todos os hábitos do Homem são maus. E, acima de tudo, nenhum animal deverá jamais ser um tirano para com a sua própria gente. Fortes ou fracos, espertos ou simplórios, nós somos todos irmãos. Todos os animais são iguais.

E agora, camaradas, vou contar sobre o meu sonho da noite passada. Eu não posso descrevê-lo inteiramente a vocês. Foi um sonho sobre como será a Terra após o Homem ter desaparecido dela. O sonho me lembrou de algo que eu havia esquecido há tempos. Há muitos anos, quando eu ainda era um pequeno leitão, minha mãe e outras porcas costumavam cantar uma canção antiga, que só conheciam a melodia e as três primeiras palavras. Eu aprendi essa melodia na minha infância, mas ela já havia sumido da minha mente há bastante tempo. Na noite passada, no entanto, ela retornou em meu sonho. E o mais interessante é que os seus versos também reapareceram: tenho por certo que eram os mesmos que foram cantarolados pelos nossos ancestrais e depois esquecidos por muitas gerações.

Eu vou cantar para vocês a canção do meu sonho, camaradas. Estou velho, e minha voz um tanto rouca, mas quando eu ensinar a melodia,

vocês poderão cantar essa canção melhor do que eu. Ela se chama “Bichos da Inglaterra”.

Em seguida, o velho Major limpou a garganta e começou a cantar. Como ele avisou, a sua voz era rouca, mas dava para o gasto; e a melodia era bem viva, algo entre “Clementine” e “La Cucaracha”. Os versos diziam assim:

Bichos da Inglaterra, bichos da Irlanda,  
Bichos daqui e acolá,  
Ouçam minhas alegres notícias  
De um tempo dourado que virá.

Mais cedo ou mais tarde chegará o dia  
Quando os Homens Tiranos cairão,  
E nos campos férteis da Inglaterra  
Só os bichos andarão.

As argolas sumirão dos nossos focinhos,  
E as celas de nossas costas;  
A espora e o estribo irão enferrujar,  
E os chicotes deixarão de estalar.

Riquezas além da imaginação,  
Trigo e cevada, feno e aveia,  
Muita pastagem, raízes e feijão,  
Tudo será só nosso.

Ó Inglaterra, seus campos irão brilhar,  
Suas águas serão mais puras,  
Suas brisas serão mais doces,  
No dia que vier nos libertar.

Por este dia todos devemos lutar,  
Mesmo que morramos antes da sua alvorada;  
Vacas e cavalos, gansos e perus,  
Todos juntos para termos a liberdade retomada.

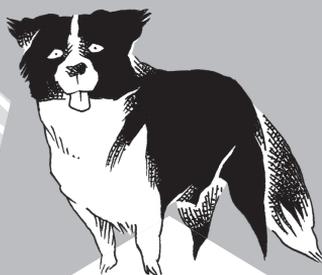
Bichos da Inglaterra, bichos da Irlanda,  
Bichos daqui e acolá,  
Ouçam bem e espalhem a novidade  
De um tempo dourado que virá.

A canção levou os animais do celeiro à extrema excitação. Antes mesmo do Major ter encerrado, eles já começaram a cantar por contra própria. Até mesmo os bichos mais estúpidos conseguiram memorizar uma parte da melodia e dos versos; já os mais espertos, como os porcos e os cachorros, conseguiram cantar a canção inteiramente de memória em poucos minutos.

Então, após algumas tentativas preliminares, todos os animais cantaram “Bichos da Inglaterra” como se fossem um só. As vacas mugiram a melodia, os cachorros a ladraram, as ovelhas a baliram, os cavalos a relincharam, os patos a grasnaram. Todos ficaram tão encantados com a música que cantaram cinco vezes sem parar, do início ao fim — e poderiam ter continuado noite adentro, caso não tivessem sido interrompidos.

Infelizmente toda aquela balbúrdia acordou o sr. Jones, que pulou da cama certo de que havia uma raposa solta pela fazenda. Ele apanhou a espingarda (que estava sempre a postos num canto do quarto) e disparou um tiro de chumbo grosso na noite escura. O chumbo acabou acertando a parede do celeiro, e a reunião se encerrou de uma hora para outra. Cada animal correu rapidamente para o seu local de dormir. As aves saltaram para seus poleiros, os bichos se deitaram na palha e, rapidamente, toda a fazenda dormia.

# CAPÍTULO 2



**A**epois de três noites, o velho Major veio a falecer. Sua passagem foi tranquila, durante o sono. Seu corpo foi enterrado perto do pomar. Tudo aconteceu no início de março. Ao longo dos próximos três meses, houve uma intensa atividade secreta. O discurso do Major tinha dado aos animais mais inteligentes da fazenda uma perspectiva inteiramente nova acerca da vida. Eles não sabiam quando seria a Rebelião prevista pelo Major, e tampouco tinham qualquer razão para imaginar que ela ocorreria durante a geração deles, mas mesmo assim compreenderam claramente que era o dever deles iniciar a sua preparação.

A tarefa de instruir e organizar os animais recaiu naturalmente sobre os porcos, que eram reconhecidos como os animais mais espertos. Entre eles existiam dois líderes, dois porcos jovens chamados Bola de Neve e Napoleão, que o sr. Jones criava para vender (como reprodutores). Napoleão era um bichão grande de olhar feroz, o único porco da fazenda vindo do condado de Berkshire, não muito falante, mas com uma reputação de sempre fazer as coisas do seu modo. Bola de Neve era mais vivaz, comunicativo e inventivo do que Napoleão, no entanto não tinha a mesma consideração quanto à solidez de caráter.

Todos os outros porcos machos da fazenda eram castrados. Entre eles o mais conhecido era um porquinho gordo chamado Dedo-duro, de bochechas rechonchudas, olhos cintilantes, caminhar ligeiro e voz penetrante. Ele era um orador brilhante e, quando argumentava sobre

um tema difícil, tinha o hábito de dar pulinhos de um lado para o outro e abanar o rabicho de uma forma um tanto persuasiva. Os porcos diziam que Dedo-duro era capaz de convencer qualquer um de que o preto era branco.

Esses três porcos organizaram os ensinamentos do velho Major num sistema de pensamento bastante completo, batizado de Animalismo. Muitas noites por semana, após o sr. Jones ter se recolhido para dormir, eles fizeram reuniões secretas no celeiro para expor aos demais os princípios do Animalismo. No início, eles esbarraram com muita ignorância e apatia. Alguns dos animais diziam que tinham um dever de lealdade com o sr. Jones, a quem eles chamavam de “dono” ou faziam comentários simplórios do tipo: “O sr. Jones nos alimenta. Se ele for embora, nós iremos morrer de fome”. Outros faziam perguntas como: “Por que deveríamos nos preocupar com o que acontece depois da nossa morte?”, ou ainda: “Se essa Rebelião vai estourar de um jeito ou de outro, que diferença faz se trabalhamos em prol dela ou não?”; e assim, os porcos tinham grande dificuldade em fazê-los compreender que essa postura ia contra o espírito do Animalismo. As perguntas mais estúpidas vinham sempre de Mollie, a égua branca. A primeira pergunta dela para a Bola de Neve foi:

— Ainda haverá açúcar após a Rebelião?

— Não — Bola de Neve respondeu com firmeza. — Nós não temos como produzir açúcar nesta fazenda. Além do mais, você não precisa do açúcar, você terá toda a aveia e o feno que quiser.

— E ainda será permitido que eu use fitas amarradas na minha crina? — perguntou Mollie.

— Camarada — disse Bola de Neve —, essas fitas que você tanto adora são as medalhas da servidão. Será que não percebe que a liberdade vale mais do que todas essas fitas?

Mollie acabava concordando, mas nunca parecia estar muito convencida.

Os três porcos travavam uma luta ainda mais árdua para neutralizar as mentiras espalhadas por Moisés, o corvo domesticado, que além de ser mascote do sr. Jones, era também espião e fofoqueiro; no entanto, era capaz de engatar conversas inteligentes. Ele afirmava ter conhecimento da existência de uma região misteriosa chamada de Montanha

do Algodão Doce, para onde iam todos os animais após a morte. A Montanha se situava no alto do céu, um pouco acima das nuvens, segundo Moisés. Lá era domingo nos sete dias da semana, as melhores pastagens cresciam no campo o ano inteiro, e das cercas vivas era possível colher torrões de açúcar e bolos de linhaça. Os animais odiavam Moisés porque ele vivia contando histórias e nunca realmente trabalhava, porém alguns deles acabavam acreditando na Montanha do Algodão Doce, e os porcos eram obrigados a desmentir de forma contundente para convencer os animais de que não poderia existir esse lugar.

Os discípulos dos porcos mais fiéis eram os dois cavalos de tração, Cascudo e Margarida. Eles tinham enorme dificuldade para pensar qualquer coisa por si mesmos, mas, quando aceitaram os porcos como seus instrutores, passaram a absorver tudo que era transmitido e ainda conseguiam passar tudo para os outros animais por meio de uma linguagem mais simples. Ambos jamais faltavam às reuniões secretas no celeiro e sempre lideravam o coro da canção “Bichos da Inglaterra”, que encerrava os encontros.

E, no final das contas, a Rebelião acabou estourando muito mais cedo do que qualquer um deles poderia imaginar.

No passado o sr. Jones havia sido um patrão duro, porém muito competente na lida da fazenda; ultimamente, no entanto, estava sendo descuidado. Ele perdeu boa parte do seu entusiasmo após precisar pagar um bom dinheiro pelo resultado de uma ação judicial, passando a beber muito além da conta. Por vezes passava dias inteiros recostado em sua cadeira de braços na cozinha, lendo os jornais, bebendo e às vezes dando a Moisés cascas de pão molhadas na cerveja. Seus funcionários eram preguiçosos e desonestos, o campo da fazenda estava coberto de erva daninha, os galpões necessitavam de reformas nos telhados, as cercas mal se mantinham de pé e os animais eram mal alimentados.

Veio junho e o feno estava quase pronto para ser colhido. Na véspera do solstício de verão, que caiu num sábado, o sr. Jones foi a Willingdon e ficou tão bêbado no Leão Vermelho que só conseguiu retornar para casa lá pelo meio-dia de domingo. Os homens ordenharam as vacas de manhã cedo e logo saíram para caçar lebres, sem se importarem em alimentar os animais. Quando o sr. Jones chegou, foi imediatamente

para o sofá da sala e logo caiu no sono, com o *News of the World* [Notícias do Mundo] aberto sobre o próprio rosto.

Assim, ao cair da tarde, nenhum animal havia sido alimentado. Ora, todo esse descaso não poderia mais ser suportado: uma das vacas arrebentou a chifradas a porta do seu galpão, sendo acompanhada pelos outros animais. Foi exatamente aí que o sr. Jones acordou. Em seguida, ele e seus quatro homens chegaram à entrada do celeiro estalando os chicotes a torto e a direito, passando do limite suportável para aqueles animais famintos. Embora nada daquilo houvesse sido planejado, eles em conjunto se lançaram numa carga de ataque aos seus opressores. Jones e os seus homens se viram, de uma hora para outra, cercados e tomando coices de todos os lados. A situação estava totalmente fora do controle: nunca tinham visto os animais se comportando daquela forma, e a revolta súbita daquelas criaturas que eles estavam acostumados a surrar e a maltratar à vontade os encheu de pavor. Após alguns instantes, eles desistiram de tentar se defender de onde estavam e simplesmente deram no pé. Um minuto depois, os cinco homens podiam ser vistos correndo desesperadamente pela trilha que levava até a estrada — com os animais no encalço, triunfantes.

A mulher do sr. Jones olhou pela janela do quarto e, quando percebeu o ocorrido, juntou às pressas alguns pertences numa bolsa de pano e escapuliu da fazenda por outra trilha. Moisés pulou do seu poleiro e voou atrás dela, grasnando ruidosamente.

Enquanto isso, os animais haviam perseguido Jones e seus homens até os limites da fazenda e, logo que eles saíram, tomando o rumo da estrada, fecharam a porteira de cinco barras da entrada. E assim, praticamente antes de se darem conta do que se passava, a Rebelião foi feita com sucesso e a Fazenda do Solar era deles.

Durante os primeiros instantes, os animais mal podiam acreditar na sua sorte. O primeiro que fizeram foi galopar em torno dos limites da fazenda, para ter a certeza de que nenhum humano estava escondido em algum canto dela; então eles correram de volta às casas da fazenda e começaram a varrer do mapa os últimos vestígios do odioso reinado de Jones. Logo o galpão no fundo dos estábulos foi arrombado; nele eram guardadas as selas, argolas de focinho, correntes para cachorros e as facas com as quais o sr. Jones castrava os porcos e os cordeiros:

tudo foi prontamente atirado no fundo do poço. As rédeas, os cabrestos, os anteolhos e as degradantes focinheiras foram arremessadas na fogueira que ardia no pátio. O mesmo foi feito com os chicotes — nessa hora, todos os animais saltaram de alegria, celebrando aquela visão gloriosa. Bola de Neve também atirou no fogo as fitas que eram usadas para enfeitar as crinas e as caudas dos cavalos nos dias em que eles eram enviados à feira. Em seguida, ele disse:

— Tais fitas devem ser consideradas como parte de um vestuário, e as roupas são o símbolo do ser humano. Todos os animais devem andar nus.

Ao ouvir isso, Cascudo foi buscar o chapeuzinho de palha que costumava usar no verão para proteger suas orelhas das moscas e jogou no fogo junto com o resto.

Em pouquíssimo tempo, os animais haviam destruído tudo aquilo que fazia lembrar do sr. Jones. Então Napoleão conduziu os animais de volta ao celeiro e serviu a todos uma ração dupla de milho, com dois biscoitos para cada um deles. Em seguida, todos cantaram “Bichos da Inglaterra” do começo ao fim, sete vezes sem parar, e enfim se recolheram para dormir: foi o sono mais feliz de suas vidas.

Porém todos acordaram ao raiar do dia, como sempre faziam, e ao se lembrarem do evento glorioso da véspera, correram juntos para a pastagem. Um pouco mais adiante do pasto, havia uma colina de onde se podia observar quase toda a extensão da fazenda. Todos subiram nela e olharam em volta, sob a luz clara da manhã. Sim, era deles — tudo o que podiam enxergar era deles! Extasiados com tal percepção, deram diversas cambalhotas e saltaram no ar, cheios de alegria. Eles rolaram no orvalho, abocanharam a deliciosa grama do verão, arrancaram torrões de terra fértil e aspiraram o seu precioso aroma. Logo após, organizaram um circuito de inspeção em toda a fazenda e vistoriaram, com muda admiração, a lavoura, o campo de feno, o pomar, o lago e o bosque. Era como se nunca tivessem visto aquilo tudo, e eles ainda mal podiam crer que tudo pertencia a eles.

Depois retornaram para as casas da fazenda e se detiveram, em silêncio, na frente da porta da casa-grande. Até ela também pertencia a eles, mas ficaram com medo de entrar. No entanto, após alguns instantes, Bola de Neve e Napoleão forçaram a porta com os ombros e os

animais adentraram o recinto em fila indiana, pata ante pata, com o maior cuidado para não derrubar ou desarrumar nada. Prosseguiram nas pontas das patas, sala por sala e quarto por quarto, sussurrando baixinho e admirando com certa reverência todo aquele luxo além da imaginação: as camas com seus colchões de penas, os espelhos adornados, o sofá feito com crina de cavalo, o tapete vindo de Bruxelas, a gravura da Rainha Vitória sobre a lareira da sala de estar.

Eles desciam as escadas quando deram pela falta de Mollie. Ao subirem de volta, descobriram que ela havia permanecido no quarto principal. Havia retirado um pedaço de fita azul da penteadeira da sra. Jones, e a segurava em torno do pescoço, admirando-se no espelho com trejeitos ridículos. Os outros a reprovaram rispidamente e foram embora dali. Alguns presuntos, pendurados na cozinha, foram levados e enterrados; o barril de cerveja da copa foi arreventado com um coice de Cascudo; mas nada além disso foi tocado na mansão. Lá mesmo foi aprovada, por unanimidade, a resolução de que a casa-grande deveria ser conservada como um museu. Também concordaram em que nenhum animal deveria morar jamais nela.

Os animais tiveram seu café da manhã e, em seguida, foram novamente convocados por Bola de Neve e Napoleão.

— Camaradas — disse Bola de Neve —, são seis e meia, e ainda temos um longo dia pela frente. Hoje nós iniciaremos a colheita do feno. Antes, no entanto, há outro assunto de que devemos tratar.

Então os porcos revelaram que, durante os últimos três meses, haviam aprendido a ler e escrever por meio do estudo de um velho livro de ortografia que havia pertencido aos filhos do sr. Jones e fora descartado no lixo. Napoleão mandou buscar latas de tintas preta e branca e conduziu todos até a porteira das cinco barras, que dava passagem para a estrada principal. Em seguida, Bola de Neve (pois era ele quem escrevia melhor) segurou o pincel entre as juntas da pata, cobriu com a tinta o nome FAZENDA DO SOLAR na barra superior da porteira e, em seu lugar, escreveu FAZENDA DOS ANIMAIS, o nome daquele pedaço de terra de agora em diante.

Depois disso, todos voltaram para as casas da fazenda, onde Bola de Neve e Napoleão mandaram buscar uma escada e a colocaram recostada na parede ao fundo do grande celeiro. Eles explicaram que, ao

longo dos seus estudos nos últimos três meses, conseguiram resumir os princípios do Animalismo em Sete Mandamentos. Estes Sete Mandamentos seriam agora inscritos naquela parede e formariam uma lei inalterável pela qual todos os animais da fazenda deveriam pautar suas vidas daqui para a frente.

Com alguma dificuldade (pois não é tão fácil para um porco se equilibrar numa escada daquelas), Bola de Neve subiu e começou a escrever, enquanto Dedo-duro segurava a lata de tinta alguns degraus abaixo. Os Mandamentos foram escritos na parede em grandes letras brancas que podiam ser lidas mesmo a uns trinta metros de distância. E eles diziam:

## OS SETE MANDAMENTOS

1. O que quer que ande sobre duas pernas é um inimigo.
2. O que quer que ande sobre quatro pernas ou que tenha asas é um amigo.
3. Nenhum animal usará roupas.
4. Nenhum animal dormirá em camas.
5. Nenhum animal beberá álcool.
6. Nenhum animal matará outro animal.
7. Todos os animais são iguais.

Foi tudo muito bem escrito, com exceção da palavra “amigo”, que foi escrita “amigu”, e de um dos “s”, que ficou invertido, o restante da ortografia estava totalmente correto. Bola de Neve prontamente leu o que havia escrito, para que todos pudessem entender. Todos os animais assentiram com as cabeças concordando, e os mais espertos começaram imediatamente a decorar os mandamentos.

—Agora, camaradas — disse Bola de Neve, jogando fora o pincel —, todos ao campo de feno! Que seja uma questão de honra colhermos o feno mais rápido do que Jones e seus homens fariam.

Mas neste momento, as três vacas, que já estavam irrequietas havia algum tempo, começaram a mugir alto. Fazia pelo menos vinte e quatro

horas que elas não eram ordenhadas, e suas tetas estavam quase estourando de leite. Depois de refletirem um pouco sobre a situação, os porcos mandaram buscar baldes e ordenharam as vacas razoavelmente bem, uma vez que os seus cascos eram adaptados para aquele tipo de trabalho. Logo eles tinham cinco baldes de um leite espumante e cremoso, para os quais muitos dos animais olharam com um interesse considerável.

— O que será feito com todo esse leite? — perguntou alguém.

— Jones às vezes misturava um pouco dele ao nosso farelo — disse uma das galinhas.

— Deixem o leite para lá, camaradas! — exclamou Napoleão, se colocando à frente dos baldes. — Nós cuidaremos disso em seu devido tempo. Agora a colheita é o mais importante. O camarada Bola de Neve conduzirá a todos. Eu seguirei em alguns minutos. Avante, camaradas! O feno nos espera.

Assim os animais se dirigiram ao campo de feno para dar início à colheita e, quando retornaram à noitinha, perceberam que o leite havia desaparecido.